

NOTA DO EDITOR AO LEITOR

O autor destas viagens, o sr. Lemuel Gulliver, é um bom e velho amigo meu; temos também algum nível de parentesco por parte de mãe. Cerca de três anos atrás, o sr. Gulliver, cansado da multidão de curiosos que vinha vê-lo em sua casa em Redriff, comprou uma pequena porção de terra, contendo uma casa ajeitada, próximo a Newark, em Nottinghamshire, sua terra natal. É ali que vive hoje, aposentado, contudo bastante estimado pelos vizinhos.

Apesar de o sr. Gulliver ter nascido em Nottinghamshire, onde seu pai residia, ouvi-o dizer várias vezes que sua família era de Oxfordshire. Isso se confirmou nos diversos túmulos e monumentos aos Gullivers que encontrei no cemitério de Banbury, no condado de Oxfordshire.

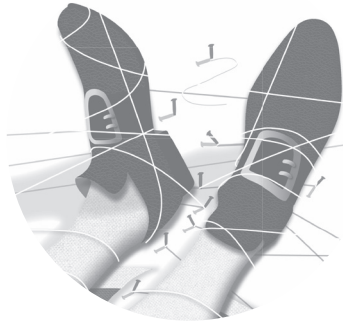
Antes de partir de Redriff, ele me deixou responsável pelo texto a seguir, dando-me liberdade para fazer dele o que julgasse conveniente. Li-o três vezes, examinando-o com cuidado. O estilo é muito claro e simples; a meu ver, o único problema é que o autor, como é de hábito entre os viajantes, é um tanto quanto detalhista. Há um ar de verossimilhança que perpassa todo o texto. De fato, o autor se tornou tão distinto por sua veracidade que uma espécie de provérbio surgiu entre seus vizinhos de Redriff: quando se quer afirmar algo, tornou-se hábito dizer que tal coisa é tão verdadeira como se o próprio sr. Gulliver a tivesse dito.

Seguindo os conselhos de várias pessoas de respeito com as quais, após autorização do autor, compartilhei o texto, eu agora me arrisco a mostrá-lo ao mundo, na esperança de que seja, pelo menos por um tempo, um entretenimento melhor para nossa nobre juventude que os rabiscos políticos e partidários.

Este volume teria o dobro do tamanho se eu não tivesse ousado cortar inúmeras passagens relativas aos ventos e às marés, bem como às variações e aos rumos das diversas viagens, e ainda descrições minuciosas do manejo do navio durante as tempestades, do estilo dos marinheiros, e igualmente o relatório das longitudes e latitudes. Tenho razões para crer que o sr. Gulliver possa ficar um pouco insatisfeito com essas supressões, porém eu estava determinado a adequar a obra, na medida do possível, à capacidade média dos leitores. Se, contudo, minha própria ignorância em assuntos marítimos me tiver levado a cometer algum erro, sou eu o único responsável. Além disso, se algum viajante tiver interesse em ver a obra na íntegra, como saiu das mãos do próprio autor, ficarei satisfeito em cedê-la.

Por fim, se o leitor tiver mais alguma dúvida quanto às particularidades do autor, vai se sentir satisfeito ao ler as primeiras páginas do livro.

RICHARD SYMPSON



Carta do Capitão Gulliver a seu primo Sympson

Escrita no ano de 1727

Espero que o senhor esteja preparado para declarar publicamente, sempre que lhe for solicitado, que, por meio de sua enorme e frequente afobação, persuadiu-me a publicar um relato bastante impreciso e incorreto de minhas viagens, sendo instruído a arranjar algum estudante de uma das universidades¹ para organizá-las e revisar-lhes o estilo, como fez meu primo Dampier, aconselhado por mim, com seu livro *Viagem ao redor do mundo*. Eu, contudo, não me lembro de ter-lhe dado permissão para consentir que qualquer coisa fosse omitida, muito menos inserida, no texto. Eu, portanto, repudio toda e qualquer inserção, em especial o parágrafo sobre Sua Majestade, a Rainha Ana, da mais pia e gloriosa memória, ainda que eu a reverenciasse e estimasse mais que a qualquer outro ser pertencente à raça humana. O senhor ou seu interpolador, todavia, deveriam ter considerado que não só não seria de meu feitio, como também não seria decente elogiar qualquer animal de nossa composição perante meu senhor *Houyhnhnm*. Além disso, o fato era de todo falso. Até onde sei, tendo estado na Inglaterra durante parte do reinado de Sua Majestade, ela governou, sim, por meio de um ministro-chefe; aliás, por meio de dois ministros-chefes sucessivos, o primeiro

¹ Oxford ou Cambridge. (N.T.)

sendo o lorde de Godolphin e o segundo, o lorde de Oxford. Concluiu-se, assim, que o senhor me fez dizer *a coisa que não era*. Da mesma forma, no relato da academia de projetistas, bem como em diversas passagens de minha conversa com meu senhor *Houyhnhnm*, o senhor ora omitiu ora retalhou ou adaptou algumas ocorrências relevantes, de tal maneira que eu mal reconheço minha própria obra. Quando, em outra oportunidade, eu lhe mencionei este assunto em uma carta, o senhor se contentou em responder que temia ofender alguém; que havia pessoas no poder que vigiavam tudo o que se publicava, sendo aptas não só a interpretar, como também a punir tudo aquilo que fosse *sugestivo* (acredito que foi essa a palavra que o senhor usou). Mas como poderia, me responda o senhor, aquilo que eu disse tantos anos atrás, a quase cinco mil léguas de distância, em outro reino, aplicar-se a qualquer um dos *Yahoos* que agora dizem governar o rebanho, especialmente em uma época em que eu sequer concebia, ou temia, a infelicidade de viver sob seu poder? Não teria eu mais razão para reclamar ao ver esses mesmos *Yahoos* sendo transportados por *Houyhnhnms* em um veículo, como se estes fossem os brutos e aqueles, as criaturas racionais? Por sinal, foi para evitar tal monstruosa visão que me retirei para este posto.

Isso é o que julguei apropriado lhe dizer em relação ao seu comportamento e à tarefa que lhe confiei.

Em segundo lugar, queixo-me de minha própria falta de juízo ao deixar-me convencer, pelas súplicas e pelos falsos raciocínios levados a cabo pelo senhor e por outras pessoas, muito em detrimento de minha própria opinião, a ter minhas viagens publicadas. Peço que se lembre de quantas vezes desejei que o senhor considerasse, quando insistia no argumento do bem comum, que os *Yahoos* são uma espécie de animais completamente incapaz de reabilitação, seja por meio de preceito ou de exemplo. Prova disso é o fato de que, em vez de pôr um ponto-final em todos os abusos e corrupções, pelo menos nestas pequenas ilhas, como eu teria razão de esperar, depois de mais de seis meses de advertências, veja o senhor, não tenho conhecimento de nenhum efeito que meu livro possa ter provocado nesse sentido. Gostaria que o senhor me avisasse,

por meio de carta, quando os partidos e as facções forem extintos; os juizes, bem-educados e corretos; os advogados, honestos e humildes, com o mínimo de bom senso, e Smithfield² resplandecente sob pilhas e pilhas de livros de direito. Peça que me avise ainda quando a educação da jovem nobreza for completamente reformada; os médicos, banidos; as fêmeas dos *Yahoos*, abundantes em virtude, honra e bom senso; as cortes e as recepções privilegiadas³ a altos ministros, completamente expurgadas; a astúcia, o mérito e o estudo, recompensados; e todos os corruptores da imprensa em verso e em prosa, condenados a não comer senão o próprio papel e a matar a sede com a própria tinta. Contava firmemente com essas e outras mil reformas, por incentivo seu. Afinal, seria perfeitamente possível deduzi-las dos preceitos trazidos em meu livro. Há que se admitir que sete meses seriam tempo suficiente para corrigir qualquer vício e insensatez aos quais os *Yahoos* estivessem sujeitos, fosse a natureza deles capaz da mínima disposição para a virtude e a sabedoria. Não obstante, até o momento, o senhor esteve longe de atender às minhas expectativas em qualquer uma de suas cartas. Antes, tem atafalhado nosso correio semanalmente com libelos e chaves, e reflexões, e memórias e segundas partes nas quais eu me vejo acusado de criticar os povos de grandes estados, de degradar a natureza humana (pois assim tiveram a audácia de escrever) e de abusar do sexo feminino⁴. Percebi ainda que os redatores desses disparates não concordam entre si, pois uns deles não aceitam que eu seja o autor de minhas próprias viagens, ao passo que outros me dizem autor de livros cuja existência ignoro inteiramente.

Percebo igualmente que o seu impressor foi descuidado a ponto de confundir as horas e equivocar as datas de minhas viagens e regressos,

2 Distrito da cidade de Londres, centro importante de produção de panfletos e livros, daí a referência. (N.T.)

3 O original é *levee*, uma cerimônia conduzida nas cortes inglesa e francesa em que o monarca recebia membros da alta nobreza. A referência a essa recepção foi usada pelo autor provavelmente para exemplificar o favoritismo na política inglesa da época. (N.T.)

4 Ao longo dos relatos o autor expressa algumas opiniões controversas sobre o sexo feminino. Mantivemos o texto original do autor, esses termos e ideias eram comuns na época, o que não reflete a sociedade atual ou a opinião da editora. (N.E.)

não lhes atribuindo nem o ano, nem o mês, nem o dia corretos. Ouvi dizer ainda que o manuscrito original foi completamente destruído desde a publicação de meu livro; tampouco tenho eu qualquer cópia remanescente dele. No entanto, lhe enviei algumas correções a serem feitas no caso de uma segunda edição e, embora eu não possa insistir que elas sejam feitas, deixarei que meus sinceros e sensatos leitores avaliem a questão como lhes aprouver.

Soube que alguns de nossos *Yahoos* do mar encontraram erros em minha linguagem marinha, ou por não estar apropriada em algumas partes ou por ter caído em desuso. Quanto a isso, nada posso fazer. Em minhas primeiras viagens, quando ainda era jovem, fui instruído pelos marinheiros mais velhos, tendo aprendido a falar como eles. Todavia descobri que os *Yahoos* do mar, como os da terra, têm a tendência de adotar modismos em seu vocabulário, o qual mudam a cada ano. Tanto assim que, a cada retorno a meu país, o dialeto deles estava tão alterado que eu mal conseguia compreendê-lo. Percebo ainda que, quando algum *Yahoo* vem de Londres, por curiosidade, visitar-me em minha casa, nenhum de nós consegue expressar-se de maneira propriamente inteligível ao outro.

Se a censura dos *Yahoos* me pudesse afetar, eu teria uma boa razão para reclamar que alguns deles tenham o despeito de achar que meu livro de viagens não é senão uma ficção saída de minha cabeça, chegando ao ponto de sugerir que os *Houyhnhnms* e os *Yahoos* são tão irrealistas quanto os habitantes de Utopia⁵.

Devo, sem dúvidas, confessar que ainda não soube de nenhum *Yahoo* que tenha sido presunçoso o suficiente para questionar a existência dos povos de *Lilipute*, *Brobdingrag* (é assim que a palavra deveria ter sido grafada, e não *Brobdingnag*, que é errado) e *Laputa*, ou os fatos relacionados a esses mesmos povos, até porque a verdade imediatamente golpeia qualquer leitor com convicção. E há, por acaso, menos verossimilhança em meu relato sobre os *Houyhnhnms* ou os *Yahoos*, quando

5 Local que aparece no livro *Utopia*, de Thomas More. (N.R.)

há tantos milhares destes últimos nesta mesma terra, os quais só se diferenciam de seus brutos congêneres da Terra dos *Houyhnhnms* porque têm um linguajar e não andam nus? Meu objetivo ao escrever é a reabilitação dessas criaturas, e não a sua aprovação. O clamor uníssono de toda a raça me valeria menos que o relinchar dos dois *Houyhnhnms* degenerados que mantenho em meu estábulo, porque com estes dois, por mais degenerados que sejam, eu ainda me aperfeiçoo em algumas virtudes, sem mácula de vício.

Pergunto-me se esses miseráveis animais têm a presunção de achar que eu sou degenerado a ponto de defender minha veracidade. *Yahoo* que sou, é sabido em toda a Terra dos *Houyhnhnms* que, por meio dos ensinamentos de meu ilustre senhor e no período de dois anos (embora, admito, com grande dificuldade), fui capaz de expurgar-me do hábito infernal de mentir, criar estratagemas, enganar e corromper, o qual está profundamente enraizado nas almas de todos os meus semelhantes, em especial os europeus.

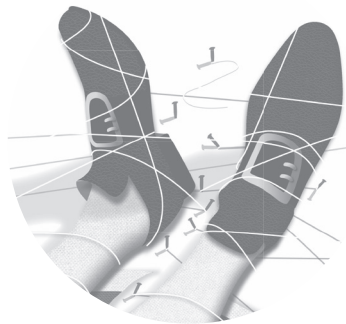
Tenho outras reclamações a fazer nesta vergonhosa ocasião, mas abstenho-me de incomodar ainda mais tanto ao senhor quanto a mim mesmo. Devo admitir que, desde meu último regresso, algumas perversões de minha natureza *Yahoo* se reacenderam em mim devido à convivência com alguns de sua espécie, em especial com os membros de minha própria família, por inevitável necessidade. Ademais, eu não deveria jamais ter-me empenhado nesse absurdo projeto de retificar a raça *Yahoo* neste reino, mas agora abandono, para todo o sempre, todas as empreitadas visionárias dessa natureza.

2 de abril de 1727

PARTE I

Viagem a Lilipute





Capítulo 1

O autor faz alguns relatos sobre si e sua família, bem como sobre seus primeiros incentivos a viajar. Sofre um naufrágio e nada para salvar a própria vida. Vai parar na costa do país de Lilipute. É feito prisioneiro e levado para o interior desse país.

Meu pai tinha uma pequena propriedade em Nottinghamshire. Fui o terceiro de cinco filhos. Quando fiz 14 anos, meu pai mandou-me para estudar no Emanuel College, em Cambridge, onde residi por três anos e dediquei-me com diligência aos estudos. Contudo, os custos de manter-me ali, embora fosse exígua minha mesada, provaram-se altos demais para nossa limitada fortuna, de sorte que me fiz aprendiz do sr. James Bates, um importante cirurgião londrino, com quem permaneci por quatro anos. Vez por outra, meu pai enviava-me algumas somas de dinheiro, as quais eu empregava no aprendizado da navegação e de outras áreas da matemática úteis àqueles que pretendem viajar, algo que sempre acreditei ser meu destino, mais cedo ou mais tarde. Quando deixei o sr. Bates, retornei à casa de meu pai, onde, com a ajuda dele e de meu tio John, bem como de outros parentes, juntei quarenta

libras, recebendo ainda a promessa de mais trinta libras por ano para manter-me em Leiden. Lá, estudei física por dois anos e sete meses, sabendo que isso me seria útil em longas viagens.

Pouco tempo depois de regressar de Leiden, fui recomendado por meu bom mestre, o sr. Bates, para ser cirurgião no navio *Swallow*, comandado pelo capitão Abraham Pannel, com quem permaneci por três anos e meio, fazendo um par de viagens ao Levante e a algumas outras partes. Quando regressei, decidi estabelecer-me em Londres. Fui encorajado a isso pelo sr. Bates, meu mestre, que também me recomendou a vários pacientes. Fixei-me em uma pequena casa à Rua Old Jewry e, sendo aconselhado a mudar meu estado civil, casei-me com a srta. Mary Burton, segunda filha do sr. Edmund Burton, um comerciante de meias estabelecido à Rua Newgate, de quem recebi quatrocentas libras de dote.

Mas, com a morte de meu mestre Bates dois anos depois e com o pouco número de amigos que possuía, meu negócio começou a falir, visto que minha consciência não me permitia imitar as más práticas de muitos de meus colegas. Assim sendo, após consultar-me com minha esposa e algumas pessoas próximas, decidi lançar-me novamente ao mar. Servi como cirurgião em dois navios sucessivamente e fiz diversas viagens, ao longo de seis anos, às Índias Orientais e Ocidentais, o que me permitiu somar algo à minha fortuna. Minhas horas de lazer, passava-as lendo os melhores autores, clássicos e modernos, dispondo sempre de um grande número de livros. E, quando em terra, dedicava-me a observar as maneiras e as disposições das gentes, bem como a aprender suas línguas, algo para o qual tinha grande facilidade, por causa de minha boa memória.

Quando a última dessas viagens provou-se pouco fortuita, cansei-me do mar e decidi recolher-me em casa com minha esposa e família. Mudei-me de Old Jewry para Fetter Lane, e daí para Wapping, na esperança de fazer negócios com os marinheiros. No entanto, não obtive sucesso. Depois de três anos na expectativa de que as coisas se arranjassem, aceitei uma proposta bastante vantajosa do capitão William Prichard, comandante do *Antelope*, que estava para partir rumo aos

Mares do Sul. Partimos de Bristol em 4 de maio de 1699, e nossa viagem foi, de início, muito próspera.

Não seria adequado, por diversas razões, afligir o leitor com os detalhes de nossas aventuras por esses mares; basta informá-lo de que, no caminho dali para as Índias Orientais, fomos compelidos por uma violenta tempestade para o nordeste da Terra de Van Diemen⁶. Por meio de uma observação, concluímos que estávamos na latitude de trinta graus e dois minutos Sul. Doze de nossos homens morreram devido ao trabalho exaustivo e à má alimentação. Em 5 de novembro, início do verão por aquelas partes, o tempo estando muito nebuloso, os marinheiros perceberam uma rocha a meio cabo de distância do navio. Todavia, o vento estava tão forte que fomos lançados diretamente contra ela, e o navio se partiu de imediato. Seis dos homens, entre os quais eu, tendo baixado um bote ao mar, pelejamos para nos afastar do navio e da rocha. Remamos, pelas minhas contas, cerca de três léguas, até não aguentarmos mais, visto que já havíamos trabalhado sobremaneira quando ainda estávamos no navio. Colocamo-nos, então, à mercê das ondas, até que, após cerca de meia hora, o bote foi emborcado por uma súbita lufada vinda do Norte. Ignoro o que sucedeu a meus companheiros no bote, bem como àqueles que escaparam na rocha ou que ficaram no navio; concludo, todavia, que se perderam todos. De minha parte, nadei para onde a sorte me guiou, sendo impulsionado pelo vento e pela maré. Às vezes, deixava minhas pernas descenderem e não conseguia sentir o fundo, mas, quando me dava praticamente por vencido e já não podia mais lutar, consegui tocar os pés no chão. Nesse momento, a tempestade já estava quase no fim.

O declive era tão pouco acentuado que eu caminhei quase um quilômetro e meio para conseguir chegar à costa, o que imagino ter acontecido por volta das oito horas da noite. Avancei, então, mais um quilômetro, mas não encontrei nenhum sinal de casas ou habitantes; ou, pelo menos, eu estava em condição tão precária que não os consegui ver. Estava

6 Atualmente conhecida como Tasmânia. (N.T.)